

# Meditações: Quarta-feira da 4ª semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da 4ª semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus sustenta a nossa existência; em Jesus aprendemos a ser filhos de Deus; no Juízo vence o amor do Pai.

- Deus sustenta a nossa existência.
- Em Jesus aprendemos a ser filhos de Deus.
- No Juízo vence o amor do Pai.

---

JESUS TINHA curado um paralítico num sábado e, para nosso espanto, os doutores da lei ficam presos nessa circunstância do calendário, em vez de acreditarem na livre manifestação de Deus: baseando-se numa rígida interpretação da Sagrada Escritura, não estão dispostos a admitir que alguém possa realizar atividades ao sábado, nem sequer milagres ou curas. Não receberam a luz do Espírito Santo – que nós podemos pedir – para deixar-se interpelar pela realidade que tinham diante dos olhos.

Jesus responde-lhes com uma frase lapidar: “Meu Pai trabalha sempre, portanto também eu trabalho” (Jo 5, 17). Estas palavras condensam uma importante verdade teológica, que ilumina a nossa condição de criaturas: certamente, a Bíblia afirma que no sábado Deus descansou, para

dar a entender que não criou novas criaturas; “mas atua sempre e de forma contínua, conservando-as no ser (...). Deus é causa de todas as coisas no sentido de que também as faz subsistir; porque se num dado momento se interrompesse o seu poder, logo deixariam de existir todas as coisas que a natureza contém”<sup>[1]</sup>. A nossa existência depende inteiramente de Deus, em cada instante. Cada segundo da nossa vida é um dom que o Senhor nos oferece confiadamente. O Criador não se retirou da sua obra, mas continuou “a trabalhar na e sobre a história dos homens”<sup>[2]</sup>.

Como explicava São Josemaria, “o Deus da nossa fé não é um ser longínquo, que contempla indiferente a sorte dos homens. É um Pai que ama ardentemente os seus filhos, um Deus Criador que transborda em carinho pelas suas criaturas. E concede ao homem o

grande privilégio de poder amar, transcendendo assim o efêmero e o transitório”<sup>[3]</sup>.

---

NA SUA RESPOSTA àqueles que o censuravam por curar em dia de descanso, Jesus revela implicitamente a sua natureza divina, mostrando-se como “senhor do sábado” (Lc 6, 5). Os rabinos distinguem entre o “trabalho” de Deus na criação, que cessou no sábado e a sua atuação na providência que, pelo contrário, é ininterrupto. Por isso, quando Jesus se coloca ao mesmo nível do Pai, associando-se à sua ação contínua a favor dos homens, esta afirmação é escandalosa para os seus opositores. Deste modo, a Sagrada Escritura diz-nos que “os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque, além de violar o sábado, chamava Deus o

seu Pai, fazendo-se, assim, igual a Deus” (Jo 5, 18). Mas Jesus não procura dissuadi-los dessa ideia porque efetivamente ele é o Filho, a filiação ao Pai está no centro do seu ser e da sua missão: é parte essencial do seu mistério. Até esse momento, ninguém em toda a história da salvação tinha se dirigido a Deus chamando-o “Meu Pai” como Jesus faz sempre; e muito menos com a palavra cheia de confiança que usavam as crianças hebraicas para chamar o seu progenitor: *abbá*, papai.

“Em verdade vos digo – diz o Senhor – o Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer. O que o Pai faz, o Filho o faz também” (Jo 5,19-20). Jesus Cristo é o modelo mais perfeito de união ao Pai. “Com referência a este modelo, refletindo-o na nossa consciência e no nosso comportamento, podemos desenvolver em nós um modo e uma

orientação de vida ‘que se assemelhe a Cristo’ e na qual se expresse e realize a verdadeira ‘liberdade dos filhos de Deus’ (cf. Rm 8, 21)”<sup>[4]</sup>. Com efeito, à luz do exemplo de Cristo, conseguimos entender melhor que é o sentido da nossa filiação divina que nos torna mais profundamente livres: “Saber que saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Trindade Beatíssima, que somos filhos de tão grande Pai. Eu peço ao meu Senhor que nos decidamos a tomar consciência disso, a saboreá-lo dia a dia. Assim nos conduziremos como pessoas livres. Não o esqueçamos: aquele que não se sabe filho de Deus desconhece a sua verdade mais íntima e, na sua atuação, não possui o domínio e o senhorio próprios dos que amam o Senhor acima de todas as coisas”<sup>[5]</sup>.

---

“O PAI NÃO JULGA ninguém, mas ele deu ao Filho o poder de julgar, para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho – continua a dizer Jesus – também não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade vos digo, quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, possui a vida eterna” (Jo 5, 22-24). Quando se fala dos últimos momentos, do juízo particular e do juízo final, possivelmente experimentamos um certo temor. No entanto, é bom reconduzir este temor à esperança, porque sabemos que o nosso juiz será Jesus, que veio salvar-nos enviado pelo Pai. Cristo deu a sua vida por nós: se pomos os nossos olhos n’ Ele, pregado na cruz e depois ressuscitado, entendemos que a sua justiça está sempre unida ao mistério da graça, do seu amor por nós.

Certamente, “a graça não exclui a justiça. Não converte a injustiça em

direito. Não é uma esponja que apaga tudo, de modo tudo quanto se fez na terra acabe por ter o mesmo valor (...). O nosso modo de viver não é irrelevante, mas a nossa sujeira não nos mancha para sempre, se ao menos permanecermos orientados para Cristo, para a verdade e o amor. No fim de contas, esta sujeira já foi queimada na Paixão de Cristo. No momento do Juízo, experimentamos e acolhemos este prevalecer do seu amor sobre todo o mal no mundo e em nós. A dor do amor torna-a nossa salvação e a nossa alegria”<sup>[6]</sup>.

“Não tenhas medo da morte – animava São Josemaria. Aceita-a, desde agora, generosamente..., quando Deus quiser..., como Deus quiser..., onde Deus quiser. Não duvides; virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada pelo teu Pai-Deus. Bem-vinda, seja a nossa irmã, a morte!”<sup>[7]</sup>. Ao mesmo tempo, o fundador do Opus Dei

sentia-se consolado por saber que quem nos espera “não será Juiz – no sentido austero da palavra – mas simplesmente Jesus”<sup>[8]</sup>. E ali estará também, intercedendo por nós, a nossa Mãe do céu; Ela é refúgio dos pecadores e é a nossa esperança.

---

[1] São Tomás de Aquino, *Comentário sobre São João*, 5, 16.

[2] Bento XVI, Discurso, 12/09/2008.

[3] São Josemaria, *Discursos sobre a Universidade*, n. 8.

[4] São João Paulo II, Audiência, 24-VIII-1988.

[5] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.

[6] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 44.47.

[7] São Josemaria, *Caminho*, n. 739.

[8] São Josemaria, *Caminho*, n. 168.

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
dev.opusdei.org/pt-br/meditation/  
meditacoes-quarta-feira-da-4a-semana-  
da-quaresma/](https://dev.opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-quarta-feira-da-4a-semana-da-quaresma/) (08/08/2025)